



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO SANTO PADRE
AO PAQUISTÃO, FILIPINAS, GUAM, JAPÃO E ALASKA
(16 DE FEVEREIRO - 27 DE FEVEREIRO DE 1981)

**SANTA MISSA PARA A COMUNIDADE DE DAVAO,
ILHA DE MINDANAO NAS FILIPINAS**

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Sexta-feira, 20 de Fevereiro de 1981

Queridos irmãos e irmãs em nosso Senhor Jesus Cristo

1. O som vibrante das nossas vozes que se difundem no ar desta florescente cidade de Davao, nesta ilha de Mindanao que tão rapidamente se desenvolve, enquanto cantamos louvores a Deus mediante nosso Senhor Jesus, lembra-nos a voz de nosso Senhor dirigida aos primeiros Apóstolos dizendo: "Foi-Me dado todo o poder no céu e na terra: Ide, pois, ensinais todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado.

E Eu estarei sempre convosco até ao fim do mundo" (*Mt 28, 18-20*). Jesus, que tinha sido Ele mesmo enviado pelo Pai, enviou, por sua vez, os seus Apóstolos: "Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós" (*Jo 20, 21*). Desde então nunca mais houve interrupção no enviar e no partir: "E eles, partindo, foram pregar por toda a parte" (*Mc 16, 20*). Também, desde esse momento, se teve uma incessante resposta eclesial ou comunitária daqueles que crêem e são baptizados. Os Actos dos Apóstolos dizem-nos: "Os que aceitaram a Sua palavra receberam o baptismo... Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão, e às orações" (*Act 2, 41-42*). De tudo o que precede, vemos já a natureza, comunitária da Igreja que deveria ser formada por todas as nações reunidas em unidade. Os crentes deveriam permanecer unidos uns aos outros pela e pela união fraterna, através da comum fracção do pão e das comuns

orações. *Os crentes teriam formado uma Igreja, uma comunidade.*

Caríssimos irmãos e irmãs, não vos posso descrever a alegria que sinto de estar hoje aqui convosco nesta celebração Eucarística. Escolhido pela Providência de Deus para ser o Vigário de Cristo na terra e o Sucessor de São Pedro na Sé Apostólica de Roma, celebro convosco, num lugar milhões de milhas distante de Roma, o Sacrifício da Missa, o memorial da morte e da Ressurreição de Cristo. Estamos a proclamar juntos o mistério da fé: "Anunciamos a tua morte, Senhor, proclamamos a tua ressurreição na expectativa da tua vinda".

Este é, na verdade, um momento único de profunda satisfação. De facto, estamos reunidos aqui como Pastor e Rebanho, como uma Igreja, como o Corpo de Cristo, onde variedade de serviço mas o mesmo Senhor, onde variedade de trabalhos, mas é o mesmo Deus que os inspira todos e cada um; onde a cada um é dada a mesma manifestação do Espírito, para o bem comum (cf. *1 Cor 12, 4-7*).

Vejo as vossas características faces de Filipinos, cheias de maravilha, as faces dos filhos do nosso Pai comum, irmãos e irmãs em nosso Senhor Jesus Cristo. Mas vejo também nas vossas faces a dor que vos liga à memória de todos aqueles que sofreram e morreram durante as recentes inundações que devastaram seis províncias desta ilha. A todos vós ofereço a expressão da minha participação na dor pela perda dos vossos entes queridos, as minhas orações pelos defuntos, pelos feridos, pelos sem-casa e o meu encorajamento a fim de enfrentardes o futuro com a grave tarefa de reconstruir, com a graça de Deus, as vossas casas e a vossa vida. Vejo em todos vós, reunidos aqui no nome do Senhor, a única família de Deus, o novo Povo de Deus, que constrói junto — cada um segundo a sua função, mas sempre em solidariedade eclesial o Corpo de Cristo na alegria e no sofrimento.

2. Esta assembleia Eucarística, composta por nós que viemos do Ocidente até aqui, e por vós de Davao e Mindanao que representais única nação católica do Leste, é uma síntese do desejo de Nosso Senhor, do mandato de Nosso Senhor e da nossa resposta pessoal. O Senhor desejou reunir todas as nações num só Rebanho sob um só Pastor. O seu mandato foi fazer discípulos em todas as nações, no Leste e no Oeste, e a nossa resposta é esta grande multidão de povo de várias línguas e cores, de várias culturas e condições, *unidas em comunhão eclesial para compartilhar a palavra de Deus e o Pão de vida eterna*: aqui, à volta do vosso Arcebispo, e à volta da mesa da palavra de Deus e do Sacrifício Eucarístico, vós formais a vossa Igreja local, a vossa comunidade eclesial local. Estais unidos na unidade de uma única fé e de um único culto, e naquela união de amor que é o sinal distintivo dos verdadeiros discípulos de Cristo: "É por isto que todos saberão que sois Meus discípulos: Se vos amardes uns aos outros" (*Jo 13, 35*).

Esta comunidade eclesial, a nível diocesano, com o Bispo como sinal e centro de unidade, é alimentada constantemente pela adesão leal à palavra de Deus e a um autêntico culto segundo a relação fundamental entre fé e culto: "lex orandi, lex credendi". É também revigorada pelo laço do

amor entre os membros e pela participação consciente de todos os membros, segundo os dons que cada um recebeu, para a construção da Igreja local.

3. A mesma vida eclesial a nível diocesano reflecte-se no nível paroquial. A mesma variedade de dons e de ministérios contribui para a única missão de construir o Corpo de Cristo. A mesma consciência de ser membro de uma comunidade eclesial prevalece. A nível paroquial, experimenta-se dia após dia uma comunhão e uma participação de significado verdadeiramente eclesial. *Nas pequenas comunidades cristãs onde os membros se conhecem entre si mais pessoalmente, o verdadeiro amor e a relação fraterna são praticados mais facilmente.* A aflição e a necessidade de um irmão ou de uma irmã que se conhece e se vê todos os dias movem o coração humano ao amor e à compaixão. Por outro lado, somos menos levados a ter amor e compaixão por aqueles que não conhecemos ou não vemos. "Pois quem não ama a seu irmão, ao qual vê, como pode amar a Deus que não vê?" (1 Jo 4, 20).

Além disso, a dimensão comunitária da nossa vocação cristã foi fortemente salientada pela reforma litúrgica do Concílio Vaticano II. Cada acto litúrgico é, em si mesmo, um acto de todo o Corpo de Cristo, da Cabeça e dos membros. Cada sacramento e cada Missa que se celebra é um acto de Cristo e do seu Corpo. Cada boa acção realizada por um membro é em vantagem do conjunto dos membros, e cada pecado é não uma ofensa a Deus, mas também uma ferida infligida ao Corpo de Cristo. Nesta perspectiva, o nosso primeiro acto comum no início desta celebração eucarística é uma confissão dos nossos pecados contra Deus e contra o Corpo de Cristo: "Confesso a Deus onipotente e a vós, irmãos e irmãs"; e na última parte deste acto penitencial comunitário dizemos: suplico à bem-aventurada sempre Virgem Maria, aos Anjos, aos Santos e a vós, irmãos e irmãs, que rogueis por mim a Deus nosso Senhor". De tudo isto resulta evidente que não se pode nem sequer pensar que um cristão existe só para si mesmo.

Nós somos cristãos porque pertencemos a Cristo e ao seu Corpo. Um cristão que não aprendeu a ver e a amar Cristo no seu próximo não é plenamente cristão. Um cristão não pode ser como Caim que recusou ser guarda do seu irmão. Nós somos os guardas dos nossos irmãos, estamos ligados uns aos outros com o vínculo do amor. Este amor é o mandamento de Deus para todos aqueles que crêem n'Ele. Para um cristão, viver é amar, e amar é viver. *Magmahalan tayo tulad ng pagmahal sa atro nang Diyos* (Amemo-nos uns aos outros como Deus nos amou).

4. Esta natureza comunitária ou eclesial da nossa vocação, que se pratica mais facilmente a nível diocesano ou paroquial, deve ser dirigida, todavia, à Igreja universal. *Nós somos uma Igreja local só na medida em que somos parte da Igreja universal*, instituída por Cristo nosso Senhor. Somos uma parte legítima só porque pertencemos ao conjunto, E Nosso Senhor teve intenção de fundar, e efectivamente fundou, uma Igreja que deveria estender-se de uma extremidade à outra da terra, para se tornar o novo Povo de Deus, e nova Israel. Cristo nosso Senhor quis que a sua Igreja fosse universal e também uma e a mesma em todo o mundo. Quis que todas as nações para além dos confins e das barreiras fossem uma comunidade eclesial guiada por um único supremo

Pastor. Quis que a sua Igreja ou comunidade eclesial pregasse a mesma doutrina, praticasse o mesmo culto, observasse a mesma lei de amor e fosse guiada por um guarda das chaves com a assistência do Espírito Santo. Esta mesma Igreja é a fonte da verdade e a nascente do poder espiritual que assimila todas as culturas de todos os lugares e tempos. Esta assimilação não é consequência de culturas humanas e locais, mas da sua elevação. A verdade cristã, por sua vez, encarnou-se em cada cultura local, purificando, elevando e consolidando os seus valores.

A unidade da doutrina e do culto proclamada e salvaguardada de toda a adulteração, por obra da Igreja universal, é perfeitamente completada pela lei do amor que une todos os cristãos a Deus e cada um ao outro, todas as Igrejas locais à Igreja universal e uma à outra. Também a Igreja universal, através das Igrejas locais e sob o impulso do Espírito que nela reside, transforma gradualmente o inundo inteiro no reino de Deus aqui na terra e promove incessantemente a civilização do amor.

5. Queridos irmãos e irmãs, nosso Senhor Jesus Cristo quer que vivamos a nossa fé para a construção da comunidade eclesial, de modo que a sua redenção possa ser aplicada aos membros individualmente mediante o ministério da Igreja. Ao mesmo tempo não devemos nunca deixar de pôr em evidência que *cada membro deve converter-se continuamente a Deus e conformar-se a Cristo com o amor*, com o fim de neste trabalho comum, participar na construção do Corpo de Cristo.

Pode não ser difícil para alguns permanecerem fiéis à doutrina da fé como é proposta pela Igreja universal, e a um autêntico culto; podemos também ser capazes de falar línguas e interpretá-las e ter o dom de fazer profecias. Mas se não seguirmos o mandato de Nosso Senhor de amarmos Deus e nos amarmos uns aos outros, não seremos julgados dignos da sua recompensa eterna. Nosso Senhor sintetizou com clara deliberação todos os mandamentos da Antiga Lei na ordem de amar a Deus e ao próximo. Não fazer mal ou não ofender os outros é muito menos, e é um modo verdadeiramente inadequado de amar o próximo. Na nossa comunidade de cristãos, a compreensão do amor em São Paulo é a verdadeira compreensão do mandamento de Nosso Senhor de nos amarmos uns aos outros. "Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como bronze que ressoa, ou como o címbalo que tine. Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que possua a fé em plenitude, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. Ainda que distribua todos os meus bens em esmolas e entregue o meu corpo a fim de ser queimado e não tiver caridade, de nada me aproveita" (1 Cor 13, 1-3).

Queridos irmãos e irmãs, se a minha visita aqui conseguisse que cada um de vós amasse só um bocadinho mais o outro; se a minha visita aqui se tornasse só um pouco mais eclesial ou oriental para a comunidade, de modo que pensásseis cada vez mais nos outros com amor; se a minha visita aqui alimentasse em vós um desejo maior de servir em vez de ser servidos, então ela, por graça de Deus, seria frutuosa e válida.

Finalmente, permiti-me, meus caríssimos em Nosso Senhor, que vos recorde e vos proponha como regra de vida nas nossas relações eclesiais a insuperável oração do Doutor Seráfico, São Francisco de Assis: "Faz de mim um instrumento da tua paz; onde há ódio faz que eu leve o teu amor, onde há ofensa o teu perdão, Senhor, e onde há dúvida a verdadeira fé em Ti. Mestre, faz que não procure tanto ser consolado como consolar ser compreendido como compreender, ser amado como amar com toda a minha alma. Faz de mim um instrumento da tua paz, para que perdoando sejamos perdoados, dando a todos os homens recebamos, e morrendo ressuscitemos para a vida eterna. Faz de mim um instrumento da tua paz. Onde há desespero que eu leve a esperança; onde há trevas que eu leve a luz e onde há tristeza que eu difunda sempre alegria".

Maraming salamat at Pagpalain nawa kayo nang Diyos.